

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
DO OUTRO LADO DO ESPELHO
30 de Agosto de 2022

PARTE I - FILMES DE JOÃO MARIA GUSMÃO E PEDRO PAIVA

O LANÇAMENTO 1 / THE THROW 1

2006, 16mm, cor, sem som, 1'47''
com o apoio DGARTES, Ministério da Cultura, Portugal e ZDB, Lisboa

O LANÇAMENTO 2 / THE THROW 2

2006, 16mm, cor, sem som, 0'34''
com o apoio DGARTES, Ministério da Cultura, Portugal e ZDB, Lisboa

ENSAIO NUMA ESCULTURA LÍQUIDA / ESSAY ON A LIQUID SCULPTURE

2006-07, 16mm, cor, sem som, 4'04''
Produzido por ZDB, Lisboa

ESPELHO ARDENTE / HEAT RAY

2010, 16mm, cor, sem som, 2'27''

SONHO DE UMA RAIJA / DREAM OF A RAY FISH

2011, 16mm, cor, sem som, 2'48''

3 SÓIS / 3 SUNS

2009, 16mm, cor, sem som, 0'50''
Representação Oficial Portuguesa na 53ª Bienal de Veneza, com o apoio DGARTES,
Ministério da Cultura, Portugal

**SOLAR, O HOMEM CEGO A COMER UMA PAPAIA / SOLAR, THE
BLINDMAN EATING A PAPAYA**

2011, 16mm, cor, sem som, 2'35''
Produzido por Frac Île-de-France/Le Plateau, Paris em colaboração com Lamu Palm Oil
Factory, Quénia

UM DIA SEM FILMAR / A DAY WITHOUT FILMING

2014, 16mm, cor, sem som, 2'23''
Produzido por Fondazione HangarBicocca, Milão.

PROJECTOR (TESTE DE CÂMARA) / PROJECTOR (CAMERA TEST)

2016, 16mm, cor, sem som, 2'34''
Co-produzido por Aargauer Kunsthaus, Aarau e SeMA Biennale Mediacity, Seul

filmes de João Maria Gusmão e Pedro Paiva

Portugal, 2006-2016 / cópias: de João Maria Gusmão, Pedro Paiva, 16mm, cor, sem
som

PARTE II - APROPRIAÇÃO, MANIPULAÇÃO

GHOST IMAGE, VISUAL ESSAYS N°4

um filme de Al Razutis

Canadá, 1976-1979 / cópia: da Light Cone, 16mm, preto e branco, som, falado em francês, legendas em inglês, 10'

THE GEORGETOWN LOOP

um filme de Ken Jacobs

Estados Unidos, 1997 / cópia: da Light Cone, 16mm, preto e branco, sem som, 11'

LA PLAGE

um filme de Patrick Bokanowski

França, 1991 / som: Michèle Bokanowski / cópia: da Light Cone, 35mm, cor, som, sem diálogos, 14'

MIRROR MECHANICS

um filme de Siegfried Alexander Fruhauf

Áustria, 2005 / som: Jürgen Gruber / cópia: da Light Cone, 35mm, preto e branco, som, sem diálogos, 8'

duração aproximada da projecção: 64 minutos

“Procuramos (filmar) o que nunca foi visto, uma imagem em movimento não inscrita nos conceitos vagos que explicam a realidade. Imagens que possam inteirar-se da circunstância humana que é estar no mundo e ver-se coagido a produzir o sentido dessa condição.

João Maria Gusmão, “A Month Without Filming” in *The Sleeping Hippopotamus and the Missing Eskimo*, 2016

Esta é uma sessão que reúne um núcleo de filmes e cariz mais experimental que explora o motivo do espelho, objeto que funciona como metáfora do próprio cinema, em virtude dos espelhos que presidem à constituição do aparato cinematográfico, mas também pelos mundos paralelos que criam; reflexos do nosso próprio mundo, que estilham ou desmultiplicam. Fonte de tantos duplos e de uma inquietante estranheza, os espelhos podem resumir a própria ideia do cinema, enquanto ilusão, reflexo e projecção. É neste contexto em que a ideia de espelho ou as superfícies espelhadas têm um papel essencial que mostramos pela primeira vez na Cinemateca nove filmes da dupla de artistas Pedro Paiva e João Maria Gusmão.

João Maria Gusmão e Pedro Paiva iniciaram a sua colaboração em 2001, e, durante duas décadas, criaram um conjunto de curtas-metragens filmadas maioritariamente em 16mm com câmaras de alta velocidade, que nos devolvem um mundo mudo ao ralenti, a que já chamaram “ficções poético-filosóficas”, termos que resumem bem o alcance dos seus filmes. O seu trabalho conjunto radica em obras que apontam para a complexidade dos mecanismos de produção de imagens e para mundos extraordinários, que desafiam

frequentemente as leis da gravidade e contribuem para uma expansão dos limites da nossa percepção do real. Mostrados maioritariamente em contextos expositivos e em *loop*, estes nove filmes, realizados entre 2006 e 2016, podem ser agora vistos na Cinemateca, trazendo a sala de cinema e a sua exibição em sequência uma experiência naturalmente diferente.

Nos títulos incluídos nesta sessão, que perfazem cerca de vinte minutos e que foram escolhidos juntamente com os artistas, os poderes das superfícies espelhadas nas suas várias vertentes estão bem presentes, de modo literal (UM DIA SEM FILMAR) ou figurado, seja através das propriedades reflexivas da água (O LANÇAMENTO 1 e 2) e de outros líquidos (ENSAIO NUMA ESCULTURA LÍQUIDA), da capacidade dos espelhos em estilizar o quadro, mas também através das metáforas mais explícitas ou implícitas em filmes como SONHO DE UMA RAIA, 3 SÓIS, ESPELHO ARDENTE ou SOLAR, O HOMEM CEGO A COMER UMA PAPAIA.

Se 3 SÓIS explicita uma noção de “imagem cega” herdada de Newton e a persistência retiniana, a ideia de cegueira prolonga-se através dos olhos de “Solar”, o homem cego. Já ESPELHO ARDENTE, na sua maior transparência, apresenta-nos uma tela em branco que funciona como um ecrã no qual se inscrevem os reflexos de superfícies reflectoras em movimento que não vemos, transformando-se em conjunto num ponto de luz que queima a imagem. A mesma ideia de cegueira e de excesso de visibilidade pode ser transposta para PROJECTOR / (TESTE DE CÂMARA) em que a dupla de artistas usa um espelho para filmar num mesmo plano um projector e a sua projecção, que simboliza a produção das imagens de todo o cinema.

A segunda parte da sessão é votada a outras práticas experimentais em que a manipulação e apropriação de imagens estão bem presentes. Al Razutis, num dos seus conhecidos ensaios visuais interroga a tradição dos filmes fantásticos, revisitando clássicos conotados com o surrealismo, o expressionismo, o realismo poético e o próprio cinema de terror, mediante um princípio formal que consiste numa “imagem-espelho” que subverte o eixo do ecrã. São imagens bem do imaginário colectivo que vemos no ecrã (UN CHIEN ANDALOU, TESTAMENT D’ORPHÉE, NOSFERATU, etc.), que apelam a novos sentidos mediante a sua combinação e as frases que as acompanham.

Um mesmo procedimento de divisão do ecrã enforma THE GEORGETOWN LOOP, em que Ken Jacobs se apropria de um filme de 1905 que regista uma viagem de comboio através de montanhas rochosas do Colorado. Jacobs refotografa um filme pertencente à famosa “Paper Print Collection” da Library of Congress dos Estados Unidos, constituída por provas de contacto em papel de filmes inteiros produzidos por motivos de copyright. Imprimindo, lado a lado, a imagem original e o seu duplo espelhado, o que produz um poderoso efeito caleidoscópico, Jacobs dá vida a imagens até então votadas ao papel. Sendo este o único filme, entre todos os desta sessão, já exibido na Cinemateca no âmbito de um ciclo dedicado a Ken Jacobs há alguns anos, é indiciador de todo o trabalho que ao longo do tempo Jacobs tem vindo a fazer em torno do cinema dos primórdios e do dito *found footage*, que encontra o seu corolário em TOM, TOM, THE PIPER’S SON (filme que realizou em 1969 a partir de outro filme encontrado na mesma colecção da Library of Congress). Em termos de manipulação de imagens pré-existentes é algures entre TOM TOM e PERFECT FILM (1986), obra de Jacobs que assenta numa lógica de *ready made* (“PERFECT FILM” é o excerto de filme encontrado e deixado como tal), que se situa

THE GEORGETOWN LOOP. Nele encontramos a mesma magia das imagens originais, que, a cada repetição, nos interpelam de modo diferente.

Patrick Bokanowski é um artista e realizador de origem francesa que muito tem trabalhado com superfícies vidradas, recorrendo frequentemente a elementos ópticos não convencionais, como prismas ou lentes transformadas. Organizado em “quatro andamentos”, LA PLAGÉ revela-nos variações ópticas e luminosas em torno de um dia na praia, em que o artista transforma gradualmente o real representado mediante a exploração das propriedades refractivas e reflexivas do vidro, que funde com as texturas da própria película. Aspectos do quotidiano em que imagens a cores de banhistas ou de um pôr-do-sol se liquefazem, reflectindo de forma muito particular a luz que lhes chega. Entre figuração e abstracção, LA PLAGÉ explora a plasticidade das superfícies metamorfoseando-as.

Os poderes de metamorfose do real representado são também explorados em MIRROR MECHANICS, filme de Siegfried A. Fruhauf. Como o próprio escreveu numa nota sobre o filme, que poderia resumir o princípio último da sessão, “Como um espelho, o cinema é um aparelho que produz imagens e, ao mesmo tempo, permite-nos perceber estímulos visuais em lugares fora do alcance de nossos olhos. MIRROR MECHANICS tenta assumir a função reflexiva do cinema.” Uma rapariga olha-se ao espelho, situação que é desnaturalizada quando Fruhauf submete o material de base a transformações complexas, em que se multiplicam espelhos e reflexos e ecrãs dentro de ecrãs, assim como uma sobreposição de camadas de imagens e de múltiplas exposições (em positivo e negativo), confundindo o espaço da representação, que ganha uma maior aspereza em virtude da distorção presente na banda sonora. A preto e branco como o filme anterior, MIRROR MECHANICS adopta metaforicamente a figura do espelho para trabalhar a realidade filmada pelo próprio realizador, que assim se apropria das suas próprias imagens revelando como todo o espelho é sempre um objecto de alguma decepção, produzindo-se sempre uma diferença de base entre as imagens que apresenta e o próprio “real”.

Joana Ascensão